

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NÃO FORMAL DE ADULTOS: Possibilidades a partir de um viés metodológico

Jussara Botelho Franco
Susana Inês Molon
Fundação Universidade Federal do Rio Grande

Resumo

Palavras chave: educação ambiental não-formal de adultos, metodologia, participação e cidadania.

Este escrito sintetiza percepções de investigações realizadas com os mesmos sujeitos adultos em dois momentos históricos distintos: no ano de 2002 (monografia de conclusão do curso de pedagogia) e no ano de 2005 (dissertação de mestrado em educação ambiental) e traz reflexões sobre a educação ambiental não formal de adultos e sua estreita vinculação com a metodologia que a constitui. O objetivo nesse estudo não foi desenvolver a compreensão de currículo como práxis, como movimento em construção permanente estreitamente ligado a realidade social vivida, apesar de estar ancorado nessa perspectiva. A metodologia utilizada para implementar a educação ambiental de adultos no espaço não formal, no caso, pautou-se em uma abordagem histórica e dialética. O que implica em percebê-la não apenas com a visão que usualmente dela se tem – restrita a sala de aula e utilizada não somente para promover a apropriação do conhecimento já construído – mas como o processo em si, que constituiu toda a relação em seus aspectos organizacionais, relacionais, ativos, políticos e pedagógicos. Nesse sentido, capaz de produzir significados e sentidos às construções dos sujeitos pesquisados. Na visão apresentada, a metodologia se constituiu em uma totalidade, porém para dar maior visibilidade ao estudo das partes fundamentais que a compõe a opção foi por dividi-la em sete subtemas, entre eles participação e cidadania, recorte aqui enfocado.

Afirmando as questões teórico-metodológicas

O papel do aporte teórico e metodológico na elaboração da pesquisa reflete a visão de quem pesquisa, nesse caso, o olhar e o fazer da pesquisadora refletem sua visão de mundo. A vinculação teórica fundamenta-se no pressuposto de que as relações homem-natureza e sociedade-natureza são mediadas pelo trabalho. Trabalho entendido como atividade humana primeira, fundante do ser social, pela qual o ser humano intervém na natureza e em si mesmo. Trabalho como processo mediador de todas as suas relações, nelas incluindo sua relação com o conhecimento e com o mundo objetivo, trabalho como potencializador da ação humana, como ato criador e, que as relações sociais envolvem não só a interação entre os sujeitos na sua especificidade e na sua posição de classe (incluídos/ excluídos, opressores/oprimidos), mas também na sua relação com a natureza. Segundo Loureiro (2000), “A visão que se tem da humanidade é que esta é a unidade dialética com a natureza. Somos, portanto, humanamente naturais e naturalmente humanos” (p.16/17). Nesse caminho teórico-metodológico, é importante ter presente que as estruturas sociais são construídas historicamente, como o ser humano que as (re)produz; existem num determinado espaço e trazem hoje as marcas do que passou. Projetam para o futuro, numa busca constante de superação entre o que está dado pela realidade objetiva e o que está sendo construído subjetivamente na objetividade. Seguindo a perspectiva de Luckesi (1992), a metodologia traz estreita relação da teoria com a prática, uma vez que não é possível pesquisar fragmentos do real e depois associá-los. A soma desses fragmentos nunca vai proporcionar que se compreenda a totalidade. É necessário, então, na pesquisa, partir da realidade da experiência e descrevê-la, mas para explicá-la é preciso o pensamento dialético, da realidade empírica para o concreto e, com o aporte teórico, voltar à experiência para que seja possível compreendê-la na sua complexidade e nas suas determinações. As interpretações vão se revelar na vida social, que diferencia os homens e as mulheres pelas suas particularidades e os

iguais enquanto seres históricos, como sendo produtores e produto da mesma história, da mesma prática social. E que se tornam concretos pelo pensamento-linguagem e pela ação. A técnica utilizada foi o estudo de caso que tem como base a pesquisa de microrrealidades sociais. Parte do pressuposto que cada caso é único em si, mas possível de expressão genérica no sentido histórico, possibilitando ter contato direto com uma realidade diferenciada sem perder a perspectiva da totalidade. Conforme Roese (1998), essa técnica além de permitir que se obtenha grande parte de informações sobre um único caso "nos ajuda a compreender uma das pontas do processo de transformação social que é o da realidade concreta" (p.192). A pesquisa de cunho qualitativo responde a questões particulares e "se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado" (MINAYO, 2002, p.21), mas compreendido e explicado na dinâmica das relações sociais. A investigação foi feita a partir de entrevista individual, procurando obter dos sujeitos a maior quantidade de informações possíveis, o que na visão de Colagnese e Melo (1998) é um processo de interação social. A técnica utilizada para a interpretação do "corpus documental" foi a análise de conteúdo atualmente compreendida muito mais como um conjunto de técnicas destinadas "à descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado" (MINAYO, 2002, p.74). Para dar seqüência a pesquisa, dediquei-me inicialmente a ouvir as entrevistas o que facilitou seu entendimento e trouxe mais agilidade ao trabalho de transcrição e ao processo de análise, o que já tinha feito, pela primeira vez, junto com cada pesquisado ao término de cada uma, o que permitiu pelas reações apresentadas que fosse possível captar suas emoções. De modo geral, a expectativa de "ouvir o dito" era grande e a partir do momento que se (re)conheciam nas falas as fisionomias se transfiguravam - alegria, espanto, embaraço, risos - e muita emoção, além do fato de alguns sensibilizarem-se com a construção elaborada de seus discursos. Ao término da transcrição voltei a ouvi-las novamente. Não apenas com o objetivo de verificar a escrita, mas como forma intencional de apreender na oralidade de cada um o significado de sua fala, o que "de um lado me proporcionou, que ao escutar, como sujeito e não como objeto, a fala comunicante de alguém, procure entrar no movimento interno de seu pensamento, virando linguagem." (FREIRE, 2002, p. 132). Após transcrevê-las e explorá-las pela leitura minuciosa, a tentativa foi agrupar as falas em unidades de significado, momento em que percebi que palavras carregadas de significado faziam-se presentes com mais freqüência, eram palavras fundantes do tema pesquisado, algumas delas, inclusive, compõem o roteiro da entrevista. Partindo dessa constatação busquei em cada entrevista o contexto em que estavam sendo usadas, percebi que fazem parte do universo vocabular (palavreado comum) do grupo como totalidade heterogênea e singular, tem forte conteúdo emocional e existencial e estão diretamente ligadas à experiência vivida no Projeto Integrar RS/Alimentação. Para Freire (1980), a "palavra geradora" é aquela que reúne o poder de conscientização que as palavras têm potencialmente ou representa o conjunto de relações socioculturais que a palavra gera no grupo que a utiliza. O levantamento mostrou que as palavras "geradoras" no presente caso não apenas refletem os vocábulos mais carregados de conteúdo emocional, mas são, também, aquelas que refletem as necessidades objetivas e subjetivas dos sujeitos pesquisados, são impregnadas de suas vivências onde a experiência no mundo do trabalho é parte. As palavras que configurei como "geradoras" não teriam sentido nem significado nem seriam geradoras, mas apenas palavras soltas, aleatórias, se não fossem consideradas dentro de um determinado tempo histórico, atreladas à estrutura social vigente e ancoradas na análise pelo referencial teórico. São, portanto,

"geradoras" porque fazem parte de condições estruturais atuais e nelas, o pensamento e a linguagem se constituem, dialeticamente, na realidade e na consciência que se têm delas. Por serem "geradoras" são palavras-força que convergem, na espiral do conhecimento em direção a uma determinada temática atual, que é problema para os sujeitos pesquisados, portanto, parte do universo da pesquisa, constituindo o que chamei de "tema gerador". Os "temas geradores", na perspectiva freireana, partem de uma concepção metodológica dialética ao resgatar a teoria do conhecimento fundamentado na práxis. São temas da vida dos sujeitos pesquisados, trazem um recorte do seu contexto sócio-histórico mais amplo e são partes dele, o que propicia que a relação todo/parte seja estabelecida sob a ótica desse grupo social de excluídos que se constitui enquanto classe trabalhadora. Permite, ainda, que o todo seja analisado a partir desta visão; por ser parte são ao mesmo tempo totalidade, o que dá consistência à análise e à pesquisa. Porque partem da realidade de cada um, possibilitam a relação entre o geral e o particular, no movimento que alia os sentidos e os significados que atribuem à realidade concreta, desvelando assim sua humanidade e seu protagonismo com a história e a cultura, tecendo sempre a possibilidade de a cada olhar estabelecer novas relações. Os temas geradores abrem à possibilidade de teorizar sobre a prática, aprofundando o olhar além do aparente e, na problematização, buscar a essência do fenômeno. Ao utilizar os "temas geradores" como instrumento para a análise da realidade com a qual me defrontei e me permitiu organizar um discurso inteligível, essencial à compreensão do real como uma totalidade de determinações e relações sociais diversas, passei a entendê-los como categorias do materialismo histórico. Porque têm historicidade têm valor na época atual, nesse sentido, Freire (1987) os chama também de "temas epocais", refletem o espírito da época, o que não os invalida como categorias, já que é preciso ter claro que mesmo categorias mais abstratas estão atravessadas por particularidades do momento histórico como condicionante. A partir das palavras geradoras procurei construir, significativamente, o "tema gerador", como unidade de análise. O que trouxe uma surpresa: as palavras geradoras conduziram ao Projeto, como "tema gerador". O que no primeiro momento não me satisfazia, pareceu óbvio demais, assim, reconstruí novamente todo o percurso e cheguei ao mesmo resultado. Na sequência, promovi o "círculo de cultura", na sede do Sindicato da Alimentação, por ser um local familiar a todos. Foi um encontro desprovido de aspectos formais, um reencontro festivo, prazeroso, e foi usado como mais uma técnica para obter informações que auxiliaram na decodificação dos sentidos e significados dessa experiência em suas vidas. Apesar de ter sido programado e procurando levar em consideração os mínimos detalhes, a filmadora não funcionou, a fita de vídeo da formatura do ensino fundamental que iríamos assistir não chegou no tempo hábil e alguns dos sujeitos pesquisados não puderam comparecer em virtude do seu trabalho. Com a aquiescência de todos os presentes, tirei fotos e gravei suas manifestações, porém a gravação não permitiu uma leitura de qualidade porque as falas ficaram sobrepostas em meio a fala que se generalizou. Para iniciar o debate e potencializar o diálogo, reuni junto à direção do Sindicato expressivo número de fotos do grupo, registradas em várias ocasiões, que os mostram participando de diferentes atividades em sua passagem pelo Projeto Integrar RS/Alimentação. O encontro com as fotos foi um momento ímpar. Encontravam-se e reencontravam-se, viam-se e reviam-se, procuravam o outro e se procuravam, e assim, lembrando o vivido, foram ressignificando suas experiências, individual e coletivamente, percebendo algumas contradições e desmistificando alguns fatos. As discussões geradas revelaram experiências, sentimentos, percepções, socialização de experiências em torno do temas

gerador, possibilitando o olhar "de dentro" do grupo. Para que o objetivo pretendido tivesse sucesso, foi necessária uma atitude de abertura para compreender de forma global o significado daquele espaço, o "círculo de cultura", para além de sua aparência imediata. O encontro dos sujeitos permitiu também observar aspectos da sua cultura, suas práticas grupais e relações interpessoais. Outro material utilizado na análise foi o diário de campo onde registrei percepções após o trabalho de cada entrevista; o percebido e não dito, as simbologias utilizadas, os hábitos, o que foi dito fora da entrevista, além da descrição do lugar e do caminho percorrido, incluindo a leitura da paisagem com uma visão socioambiental. Quero dizer a inter-relação do sujeito com o seu mundo vivido, a territorialidade e os impactos no meio. Logo no início da análise surgiu uma problemática de difícil solução: como nomear os sujeitos, como identificá-los? Numerá-los sequencialmente ou classificá-los em ordem alfabética seria quase como catalogar livros. Optei por dar-lhes uma roupagem, atribuir-lhes características próprias, e busquei esse termo comparativo num universo para mim repleto de significados, que é o universo dos orixás da umbanda, procurando pelas características individuais de cada orixá, aproximá-lo de um sujeito de pesquisa que percebi com características semelhantes

Aproximando educação ambiental, educação não formal e educação de adultos e analisando.

Perceber a educação ambiental, a educação não-formal e a educação de adultos como modalidades que a educação assumiu no decorrer do tempo e que hoje a adjetivam remete à necessidade de aproximá-las por ter presente sua complementaridade e também porque são partes de uma totalidade maior – educação. A educação não-formal, a educação de adultos e a educação ambiental estão tecidas junto, como fios de uma mesma trama, pela particularidade do momento histórico em que surgiram, pela forma como se constituem e pela amplitude com que são utilizadas. Falar em educação ambiental não-formal de adultos na ótica apresentada é falar de sujeitos com pouca escolarização, que já estiveram na escola formal e por alguma razão dela foram evadidos/expulsos/excluídos (FRANCO, 2002), e procuram esses espaços educativos para concluir o segundo segmento do ensino fundamental (5ª a 8ª séries). Trabalhar educação ambiental não formal de adultos com uma visão delimitada pelo uso da mesma prática pedagógica adotada na escola formal com adolescentes é limitar-se a adaptações, a reproduções, a recortes curriculares de propostas não pensadas para esse campo educacional, o que se mostra ineficiente, uma vez que esses sujeitos adultos põem em prática conhecimentos construídos ao longo da sua vida cotidiana e de suas vivências profissionais. Significa ainda trabalhar com a visão compensatória que (re)produz o pensamento dominante, de que são incompetentes, por isso devem aprender o formal para ser iguais aos outros. Por outro lado dentro da educação (genérica) não é comum a busca de espaços de reflexão, da apropriação de referências, discursos, práticas e conteúdos de outras linhas/campos da educação e de outros espaços educacionais que trabalhem com sujeitos evadidos/expulsos/excluídos do processo educativo formal em virtude das suas diferenças. Por isso é importante traçar um conjunto de hipóteses sobre diferentes questões curriculares e metodológicas presentes nesse campo educacional – educação ambiental não formal de adultos – que são pouco conhecidas. Propiciando que se (re)crie um campo conceitual politicamente comprometido, a educação pela prática social, próximo de outras linhas de investigação em educação, tratando de alternativas teóricas, pedagógicas, políticas e curriculares que se utilizem da

visão sócio-histórica, em que as necessidades educativas dos adultos tenham papel central na ressignificação de seus saberes e suas práticas. Dos subtemas surgidos a partir do tema gerador – o Projeto como metodologia – o enfoque visualizado será o subtema participação e cidadania. A cultura da participação ganhou visibilidade no Rio Grande do Sul a partir do momento em que prefeituras municipais passaram a ser administradas pelo PT – Partido dos Trabalhadores. Teve seu ponto culminante quando Olívio Dutra, em 1998, assumiu o governo do estado e propiciou, via Orçamento Participativo, que a população tivesse a oportunidade de definir prioridades para os gastos públicos estaduais, o que vinha sendo feito, pontualmente, em alguns municípios do estado governados pelo PT. Por ter sido uma conquista recente “Do Orçamento Participativo eu nunca tinha ouvido falar, aprendi ali” (Ibeji) por que o município do Rio Grande nunca teve essa prática aonde “A gente ia lá pra saber o destino das verbas e escolher esse destino” (Oxumaré) pela participação popular, já que “Tu nunca vai decidir nada se tu não participar, né”(Ibeji). Os sujeitos da pesquisa têm consciência de que “estar participando é uma forma de exercê a cidadania” (Oxum) porque “cidadania é a gente, todos nós, se sentir com poder de decidir”(Xangô), ou ainda que “eu me sentia gente porque eu tava participando do Orçamento Participativo”(Ogum). A presença dos pesquisados nos debates em torno do destino das verbas estaduais, além de representar um salto qualitativo em termos de aprendizagem democrática representa um direito da classe trabalhadora – o de reconhecer e melhor saber o que já sabem – ao lado de outro direito, o de participar da produção do saber que ali naquele espaço estava sendo construído. Outros eventos que mobilizaram a participação popular contaram com a adesão dos pesquisados “eu fui uma vez a Porto Alegre, na Marcha dos Sem” (Ibeji) ou mesmo na comunidade local “Eu participei dessa Marcha (...) contra o pagamento da dívida externa” (Iemanjá) com grande envolvimento, porque “a gente fez cartazes e eu me senti membro da comunidade” (Iemanjá). O objetivo de participar desses eventos comunitários não foi apenas o passeio, e não se resumiu em estar ali por estar, como observador neutro. O seu foco foi propiciar a descoberta da vivência da luta histórica da classe, da cultura da resistência, bem como o reconhecimento de cada um, como autor de sua história e da história dessa luta, além de fazer parte de um projeto maior da FTIAS/RS – Federação dos Trabalhadores na Indústria da Alimentação, que é o de animar os sujeitos para as lutas e movimentos sociais que mudem a estrutura social vigente. Essas participações representaram um instrumento pedagógico que envolveu a todos (corpo discente, docente e coordenação do Projeto) em todo o processo, que teve início na sala de aula, onde as questões referentes a cada evento foram levantadas e discutidas as suas motivações. Depois foram mobilizadas as potencialidades dos pesquisados na elaboração dos textos e das imagens constantes das faixas e cartazes, além das suas habilidades artísticas para a confecção. Os textos produzidos, na sua diversidade de estilos, mostraram a pluralidade das idéias dos pesquisados e sua criatividade, além de identificar cada um com a sua obra, ao explicar e discutir com o outro a sua inspiração, que não estava separada da economia, da política e dos padrões culturais que (pre)dominam. No retorno, abriram-se atividades com o material utilizado nos eventos, e pelas análises de cada um, foi possível construir os significados do vivido, individual e coletivamente, o que foi colocado em painéis explicativos para o fechamento da atividade. A consolidação do conhecimento, seus sentidos e significados, que nasceu da participação e do exercício da cidadania foi efetivado no coletivo, com a participação de todos os envolvidos. Nesse sentido o Projeto, como organizador do processo de reconhecimento dos interesses e carências da classe trabalhadora, teve o significado de

aglutinar e potencializar a mobilização dos pesquisados, no sentido de que se constituíssem como uma força social capaz de dar visibilidade ao papel que desempenharam na luta pela hegemonia da sua classe. A cultura da participação foi um dos temas não só trabalhados, mas vividos nessa construção, como forma de atingir a libertação, a autonomia, e como instrumento de transformação ao incorporar em seu quefazer a contextualização da complexidade ambiental em suas dimensões sociais, ecológicas, políticas, ideológicas, culturais e econômicas. Além disso, trabalhou com a subjetividade envolvendo a participação social, preparando-os para a organização e intervenção nos processos decisórios nos espaços existentes. Outro enfoque é o do depoimento que constata “eu sou presidente de uma organização de mulheres na Igreja, o nome é Pedaco Público, a gente trabalha muito com projetos e serviços” (Nanç), o que proporciona o entendimento do nível de participação e revela a qualidade da cidadania, se é uma cidadania passiva ou engajada. Participar implica fortalecer os coletivos, o que é percebido na fala da pesquisada: “Naquela época do Projeto eu já participava do Coletivo de Mulheres da CUT. A gente participa também de encontros, seminários, uma vez por ano reúne as mulheres com médicos e advogados que mostram os direitos delas nas fábricas” (Ifã). Para os pesquisados, a participação foi intensa no Projeto Integrar RS/Alimentação onde primeiro o grupo se organizou, depois então é que pensou em delegar poder de representação a um membro no Orçamento Participativo estadual. Isso pode ser visto como controle democrático, que é a possibilidade de produzir cidadania de baixo para cima, através do controle de seus representantes e mostra a competência política do grupo. Por intermédio da participação popular em movimentos sociais, os sujeitos pesquisados tiveram a oportunidade de minar as estruturas de dominação e seu modelo de desenvolvimento e de exclusão e buscar novos rumos para a sociedade. Essa dimensão da participação, de contestação, de crítica e de denúncia, deu-se nas manifestações públicas que participaram (marchas e contramarchas), que tiveram a finalidade de pela sua exposição pública, produzir na sociedade a reflexão sobre si mesma ou simbolizar fatos que não devem ser esquecidos (Marcha dos 500 anos). A motivação que os levou a essa participação não foi a conquista de interesses materiais, mas conquistas maiores no campo da cidadania, como diminuir as desigualdades sociais e fortalecer a organização da classe trabalhadora. Ligado à ideia de participação trabalhada no Projeto Integrar, encontra-se o conceito de organização e informação, de espaço de interlocução, de tomada de decisão, de diálogo, criticidade e historicidade. Também o sentimento de pertencimento relacionado ao de emancipação dos sujeitos, de compreensão de seu espaço social, o que potencializou a transformação via ação participativa, capaz de implementar sua autonomia. A participação está ligada a objetivos complexos, relacionada à manutenção da “sociodiversidade”, já que a sobrevivência de uma classe social está relacionada à manutenção do todo (SORRENTINO, 2001), na visão da classe trabalhadora com outra estrutura social, é claro, mas interdependente.

Finalizando.

Dizer da convicção de que a educação ambiental não formal de adultos é uma problemática colocada à margem das discussões – acadêmica e governamental – o que não tem contribuído para ampliar a visão que se tem sobre a vida dos adultos com pouca escolarização e da consciência que deveriam ter de seu lugar no mundo e na sociedade. O convite é para que cada um, ao escutar o som dessas vozes contribua com sua reflexão e compromisso

no aprofundamento da discussão dessa temática tão atual e significativa para expressivo contingente da população que procuram esses espaços educacionais para aprender a ressignificar seus saberes e suas práticas.

ANEXO EXPLICATIVO